

VESTIR O CUIDADO: SIGNIFICADOS DA CERIMÔNIA DO JALECO NA FORMAÇÃO TÉCNICA EM ENFERMAGEM EM SALINÓPOLIS-PA

CLOTHING CARE: MEANINGS OF THE WHITE COAT CEREMONY IN TECHNICAL NURSING EDUCATION IN SALINÓPOLIS-PA

 <https://doi.org/10.63330/armv2n7-001>

Submetido em: 10/07/2026 e Publicado em: 15/07/2026

ARM: e261926

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

Resumo

O presente artigo analisa criticamente os significados atribuídos à cerimônia do jaleco por estudantes de cursos técnicos em enfermagem em uma instituição localizada no município de Salinópolis, Pará / CEPA - Centro educacional Pan Americano. Compreendida como um rito simbólico de passagem, a cerimônia é problematizada para além de sua dimensão celebrativa, sendo interpretada como elo formativo que articula processos de subjetivação, edificação identitária e incorporação de valores éticos ligados ao cuidado. A análise fundamenta-se em aproximações teóricas com Arnold van Gennep, Victor Turner, Claude Dubar, Erik Erikson, Paulo Freire e Leonardo Boff. A partir de uma leitura que articula reflexão teórica e observação situada na contextualização formativa, sustenta-se que o ritual do jaleco não apenas simboliza a entrada na profissão, mas operacionaliza como prática que regula, orienta e produz sentidos sobre o ser profissional do cuidado.

Palavras-chave: Cerimônia do jaleco; Cuidado; Formação técnica em enfermagem; Identidade profissional; Rito de passagem.

Abstract

This article critically analyzes the meanings attributed to the white coat ceremony by nursing technician students at an institution located in the municipality of Salinópolis, Pará / CEPA - Centro Educacional Pan Americano. Understood as a symbolic rite of passage, the ceremony is problematized beyond its celebratory dimension, being interpreted as a formative link that articulates processes of subjectivation, identity building, and the incorporation of ethical values related to care. The analysis is based on theoretical



approaches with Arnold van Gennep, Victor Turner, Claude Dubar, Erik Erikson, Paulo Freire, and Leonardo Boff. From a reading that coordinates theoretical reflection and situated observation in the educational context, it is argued that the white coat ritual not only symbolizes entry into the profession but also functions as a practice that regulates, guides, and produces meanings about being a care professional.

Keywords: Care; Professional identity; Rite of passage; Technical nursing education; White coat ceremony.

1 INTRODUÇÃO

A formação em enfermagem, especialmente no nível técnico, não pode ser reduzida à aquisição de competências operacionais, pois envolve processos complexos de constituição subjetiva, nos quais se entrelaçam dimensões éticas, simbólicas e sociais de edificação humana. Nesse contexto, práticas institucionais aparentemente simples como a cerimônia do jaleco assumem centralidade ao operacionalizarem como dispositivos de produção de sentido no interior da formação. Mais do que um evento protocolar, a cerimônia do jaleco constitui-se como um marco simbólico que sinaliza o adentrar dos(das) estudantes em um contexto profissional historicamente marcado pela ética do cuidado. A análise aqui proposta emerge de uma aproximação com o cotidiano formativo, na qual a observação das práticas e das narrativas das pessoas permite tensionar a aparente naturalidade desse ritual, revelando suas projeções simbólicas e seus efeitos formativos.

Parte-se da compreensão de que tais rituais não são neutros: eles produzem pertencimento, direcionam condutas e contribuem para a internalização de valores. Assim, investigar seus significados implica também problematizar as formas pelas quais a formação profissional fomenta determinados modos de ser e agir no campo da saúde.

Sob uma perspectiva crítica, torna-se imperativo questionar em que medida essa iniciação ritualística em Salinópolis-PA não acaba por mascarar os contrastes socioeconômicos e as assimetrias de poder que cruzam a saúde pública na Amazônia paraense. Ao romantizar o ingresso na carreira técnica, corre-se o risco de naturalizar a severa fragmentação social do trabalho na enfermagem, em que o nível técnico frequentemente assume a carga mais pesada da execução assistencial sem o devido reconhecimento material, transformando o rito em um amortecedor precoce das contradições da realidade laboral.

2 A CERIMÔNIA COMO RITO DE PASSAGEM

A interpretação da cerimônia do jaleco como rito de passagem encontra fundamento na afirmativa de Van Gennep (2011, p. 24-26) o qual descreve os rituais como dispositivos sociais que organizam transições entre diferentes estados. No caso em análise, a cerimônia marca simbolicamente o traslado de uma condição leiga para uma condição de maturação profissional e pertencimento ao campo da saúde.



Entretanto, limitar-se à descrição dessas etapas seria insuficiente. Victor Turner (1974, p. 116-117), permite avançar ao compreender o ritual como espaço de transformação, no qual as pessoas transitam por uma condição de liminaridade um estado intermediário no qual identidades são suspensas e reconfiguradas.

Contextualizando a formação em enfermagem, essa liminaridade não se encerra na cerimônia, mas delonga-se por todo processo formativo. Trata-se de uma formação humanista, que “[...] coloca o ser humano no centro do processo educacional, valorizando não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também os aspectos emocionais, sociais e morais dos indivíduos.” (Dantas et al., 2025, p. 9). Nessa formação, o ritual não apenas tipifica uma transição, mas inaugura um percurso de edificação identitária, no qual o estudante passa a negociar novos significados sobre si e sobre sua inserção no mundo profissional.

Contudo, a imersão nessa zona liminar exige um olhar atento para as discontinuidades subjetivas que ela provoca. Ao despir-se da identidade civil e "vestir" o papel de cuidador técnico, a pessoa estudante vivencia uma crise de transição que nem sempre é amparada pela estrutura pedagógica; a sacralização do rito pode gerar uma ilusória sensação de prontidão, cobrando do aluno um comportamento maduro e irretocável antes mesmo que ele consiga processar cognitivamente e emocionalmente as angústias do adoecimento e da finitude humana com as quais lidará no estágio curricular.

3 IDENTIDADE PROFISSIONAL EM CONSTRUÇÃO

A edificação da identidade profissional pode ser compreendida como processo dinâmico e relacional. Afirmar Claude Dubar (2005, p. 141-142), que a identidade resulta de articulações entre trajetórias individuais e expectativas institucionais, sendo constantemente (re)negociada. Essa dinâmica torna-se ainda mais complexa quando se considera a diversidade das pessoas envolvidas. Erikson (1976), por sua vez afirma que os jovens vivenciam a formação simultaneamente à consolidação de sua identidade pessoal, enquanto os adultos frequentemente mobilizam a formação como estratégia de reconstrução de trajetórias interrompidas ou insatisfatórias.

Nesse cenário, a cerimônia do jaleco atua como um operacionalizador simbólico que antecipa uma identidade ainda em formação, produzindo um efeito de pertencimento que, embora potente, não está isento de tensionamentos, uma vez que projeta expectativas sobre as pessoas que ainda se encontram em processo de constituição. Essa projeção identitária antecipada, todavia, gera fricções quando confrontada com as clivagens de classe e gênero que delimitam a enfermagem técnica na região norte. O apelo a uma identidade homogênea promovido pela cerimônia suprime o fato de que muitos desses alunos (em especial mulheres da classe trabalhadora) conciliam os estudos com duplas ou triplas labutas domésticas e laborais, de modo que a "identidade profissional" imposta de forma idealizada no rito entra em choque direto com a fragmentação e a escassez de tempo que caracterizam suas existências materiais fora da escola técnica.



4 O SIGNIFICADO DO JALECO: ENTRE SÍMBOLO E DISCIPLINA

O jaleco, enquanto artefato simbólico, não pode ser interpretado apenas como representação do cuidado. Ele também operacionaliza como marcador de distinção e como elemento de regulação das condutas. Vestir o jaleco não significa apenas assumir um compromisso ético, mas também inscrever-se em um regime de visibilidade e de normatividade.

Nesse sentido, o símbolo não é neutro: ele produz efeitos. Ao mesmo tempo em que confere reconhecimento, também embrica expectativas, delimitando modos de agir e de se apresentar. A pessoa estudante, ao vestir o jaleco, passa a ser interpelado por um complexo de normatizações implícitas que orientam sua conduta ética e profissional no campo da saúde. O jaleco deve ser compreendido como dispositivo articulador de reconhecimento e controle, pertencimento e disciplina, revelando a complexidade dos processos formativos.

Sob este prisma normativo, a indumentária branca assume as feições de uma tecnologia de biopoder, cujo objetivo implícito é docilizar os corpos dos futuros técnicos para que se moldem à hierarquia biomédica rígida e taylorista dos serviços de saúde. O jaleco operacionaliza como uma armadura disciplinar que padroniza os gestos, silencia as individualidades estéticas locais da juventude de Salinópolis e institui uma vigilância mútua, onde o asseio e a submissão aos protocolos visuais passam a valer, equivocadamente, como escalas métricas de competência e dedicação ética.

5 DIVERSIDADE DAS PESSOAS

A heterogeneidade do público na formação técnica em enfermagem fomenta uma dimensão fundamental para a análise: a pluralidade de trajetórias e expectativas. Jovens e adultos não apenas ocupam posições diferentes no ciclo de vida, mas atribuem sentidos distintos à formação e aos rituais que a compõem.

Para os jovens, a cerimônia tende a representar um marco inaugural, associado à construção de um projeto de vida. Já para os adultos, frequentemente inseridos em processos de requalificação, o ritual pode assumir o sentido de reinvenção, operacionalizando como tentativa de reposicionamento social. Essa diversidade tensiona a própria ideia de identidade profissional homogênea, evidenciando que o pertencimento à profissão é edificado de maneira desigual e situada.

Mediante isso, é preciso pontuar que a tentativa institucional de unificar essa heterogeneidade em uma única moldura celebrativa apaga as especificidades das vulnerabilidades regionais e geracionais. Enquanto o jovem busca na cerimônia um passaporte para a emancipação em um cenário de escassas oportunidades locais, o aluno adulto muitas vezes carrega o peso do desemprego crônico ou da subalternidade prévia continuamente; para este último, a teatralização do jaleco carrega uma urgência de dignificação social tão profunda que qualquer falha ou descompasso na formação subsequente é vivenciada



não como parte do aprendizado, mas como uma violenta exclusão de sua última cartada de mobilidade socioeconômica.

6 FORMAÇÃO, VOCAÇÃO E PRÁXIS

A compreensão do papel dos formadores emerge não apenas de referenciais teóricos, mas também da observação das práticas pedagógicas e das narrativas construídas no cotidiano formativo. Nesse contexto, a educação não se apresenta como transmissão neutra de conteúdos, mas como prática situada, atravessada por valores, crenças e concepções de mundo.

A perspectiva de Freire (1987, p. 57-58), permite compreender a formação como prática emancipatória, na qual o sujeito não é mero receptor, mas agente de sua própria construção. Contudo, essa perspectiva convive, na prática, com discursos que ainda evocam a ideia de vocação como atributo essencial, por vezes naturalizando o cuidado como disposição individual. Por sua vez, Boff em (1999, p. 34) contribui ao deslocar o cuidado para o campo ético, compreendendo-o como atitude relacional. Ainda assim, é necessário problematizar: até que ponto o discurso do cuidado não corre o risco de romantizar condições de trabalho historicamente precarizadas? Assim, a formação em enfermagem aparece como contexto tensionado entre emancipação e normatização, entre crítica e reprodução.

Aprofundando esse tensionamento, percebe-se que a simbiose discursiva entre "vocação" e "cuidado" atua frequentemente como uma ideologia alienante que desarma o potencial de práxis freiriana dos estudantes. Ao atrelar o cuidar a um dom quase sacerdotal ou místico durante as falas da cerimônia, a instituição de ensino enfraquece a percepção da enfermagem como ciência e como trabalho assalariado. Esse esvaziamento político e problematizador prepara o terreno para a aceitação acrítica de salários aviltantes e de jornadas exaustivas na rede assistencial, uma vez que a contestação trabalhista passa a ser vista, sob o manto da vocação cega, como um desvio ético ou uma negação do amor ao próximo.

7 IMPLICAÇÕES FORMATIVAS E POLÍTICAS DO RITUAL

A análise desenvolvida permite compreender que a cerimônia do jaleco não pode ser reduzida a um momento simbólico isolado, mas deve ser interpretada como parte de um complexo de práticas que produzem e regulam a identidade profissional no campo da enfermagem.

Ao articular contribuições de diferentes autores, torna-se evidente que o ritual operacionaliza simultaneamente como contexto de pertencimento e como mecanismo de normatização. Ele não apenas acolhe o estudante, mas também o insere em uma lógica delimitada de atuação, na qual valores como cuidado, responsabilidade e ética são apresentados como fundamentos da prática profissional. No entanto, é necessário tensionar essa leitura: ao enfatizar o compromisso e a vocação, o ritual pode também obscurecer as condições concretas de exercício da profissão, marcadas por desigualdades, sobrecarga e



precarização dos contextos. Nesse sentido, a cerimônia, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade, pode contribuir para a naturalização de exigências que extrapolam os limites do cuidado.

Dialeticamente, as implicações desse arranjo revelam que a ritualística do jaleco funciona como uma realidade bivalente no interior da periferia paraense. Se por um lado ela resgata a autoestima de uma população historicamente carente do ensino superior e técnico de qualidade, por outro ela operacionaliza como um verniz de respeitabilidade que silencia as demandas por uma infraestrutura pedagógica e de saúde, onde preze-se pela equidade. O debate ocultado pelo glamour do linho branco, evoca a necessidade de instrumentalizar os discentes não apenas para o manuseio técnico do corpo alheio, mas para o reconhecimento crítico das determinantes sociais da saúde que vitimam tanto a comunidade atendida em Salinópolis quanto a própria classe trabalhadora da enfermagem. Assim, mais do que celebrar o ingresso na profissão, torna-se elementar problematizar os sentidos políticos e estruturais que estão sendo silenciados ou produzidos nesse processo formativo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite afirmar que a cerimônia do jaleco constitui um dispositivo formativo de elevada complexidade, no qual se articulam dimensões simbólicas, éticas e políticas da formação em enfermagem. Longe de ser um evento meramente protocolar, o ritual operacionaliza como liame de produção de identidade, orientando modos de ser, sentir e agir no contexto do cuidar.

Entretanto, sua potência simbólica não deve obscurecer suas ambivalências. Ao mesmo tempo em que promove pertencimento e compromisso, também pode contribuir para a naturalização de expectativas e condições que exigem problematização crítica.

Nesse sentido, refletir sobre a cerimônia do jaleco implica ir além de sua dimensão celebrativa, reconhecendo-a como um contexto de disputa de sentidos sobre o que significa cuidar, ser profissional e atuar no campo da saúde. Trata-se, portanto, de um convite à maximização do olhar: da tradição para a crítica, do símbolo para suas implicações, do rito para suas consequências formativas.

Conclui-se, portanto, que a verdadeira emancipação desses futuros técnicos em enfermagem não se dará pela via da submissão estética ao branco imaculado, mas pela capacidade da instituição formadora de converter o entusiasmo do rito em combustível para o engajamento político e social contínuo. Romper com o biologicismo e com o moralismo profissionalizante exige que a cerimônia do jaleco seja dessacralizada e repensada como o ponto de partida de uma jornada pedagógica que seja técnica em sua competência, mas substancialmente humana e combativa em sua práxis transformadora da saúde na Amazônia.



REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

DANTAS, Jéssica Rodrigues et al. Considerações acerca da educação formal, tradicional e humanista. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 4, p. e7991-e7991, 2025.

DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv17n4-054>. Disponível em:

<https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7991/5651>. acesso em: 10 jul. 2026.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ERIKSON, Erik. **Infância e sociedade**. Tradução de Gildásio Amado. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.